

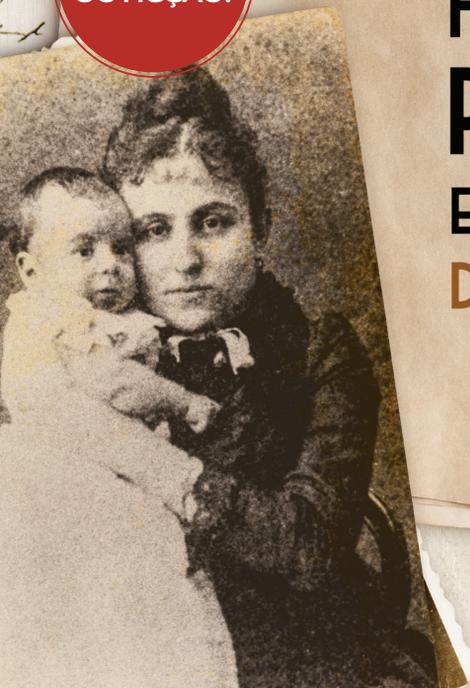
SARA RODI

◆◆ ROMANCE ◆◆

O
QUANTO
AMEI

FERNANDO
PESSOA
E AS MULHERES
DA SUA VIDA

REALIDADE
OU FICÇÃO?



O
QUANTO
AMEI

FERNANDO
PESSOA
E AS MULHERES
DA SUA VIDA



Realidade ou Ficção?

REALIDADE OU FICÇÃO?

AS PERSONAGENS

... DA FAMÍLIA, OU QUASE

Anica (Tia)

Ana Luísa Pinheiro Nogueira nasceu em 1860, em Angra do Heroísmo. Irmã mais velha de Maria Madalena, foi escolhida para madrinha do primeiro filho dela, Fernando Pessoa. Casada desde 1889 com João Nogueira de Freitas, engenheiro agrónomo, teve dois filhos, Mário e Maria. A família vivia nos Açores, na Ilha Terceira, quando Fernando Pessoa, a mãe, o padraсто e os irmãos viajaram de Durban até Portugal. Visitaram a família do continente, e rumaram também à Terceira para passar uns dias com a família açoriana, tal como é descrito no capítulo XVI.

Depois de enviuar, Anica mudou-se com os filhos para Lisboa. Quando Fernando regressou à capital portuguesa, viveu algum tempo com a tia e os primos na Rua Passos Manuel, 24, 3º Esq., e depois na Rua Pascoal de Melo, 119, 3º Dto. Entretanto, Maria vai viver para a Suíça com o marido, o engenheiro naval Raul Soares da Costa, e Anica muda-se com eles, em finais de 1914, mas continua a corresponder-se com o sobrinho.

Muito dada aos assuntos do além, a tia Anica terá despertado no afilhado o seu interesse por diversas temáticas místicas. Em sua casa, a tia Anica organizava sessões espíritas, como era moda na altura, e Fernando Pessoa terá participado em algumas delas (considerado um “elemento atrasador”). Na carta que Fernando Pessoa endereça à tia, a 24 de junho de 1916, assume-se mesmo como médium. A tia Anica morre em 1940, cinco anos depois do sobrinho.

Dionísia Seabra Pessoa

Dionísia Seabra Pessoa nasceu em 1823, em Lisboa. Enviuvou de Joaquim António de Araújo Pessoa em 1885, três anos antes de Fernando Pessoa nascer. Por altura do seu nascimento, Dionísia vivia com o filho e a nora, e consta que eram frequentes os períodos de alucinação em que tinha uma linguagem e comportamento inapropriados. Estes episódios marcaram os primeiros anos de vida de Fernando Pessoa, influenciando certamente o seu interesse pela temática da loucura. Em 2013 estreou em Portugal, no teatro A Barraca, a peça “Menino de Sua Avó”, sobre a relação entre Fernando Pessoa e a sua avó Dionísia. Escrita pelo dramaturgo Armando Nascimento Rosa, contou com as interpretações de Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes, e a banda sonora do maestro António Victorino d’Almeida.

O estranho pedido que Dionísia faz mais tarde ao seu neto – para que Fernando mande a tia Rita enfiar um balde na cabeça (cap. XX) – encontrei-o nas minhas leituras, mas nada garante que tenha acontecido mesmo. O que parece certo é que Fernando Pessoa terá tido algumas discussões com a sua tia Rita. Deixo um exemplo que surge no seu diário, com data de 25 de julho de 1907: “Acabo de ter uma espécie de cena com a tia Rita acerca de F. Coelho (Furtado Coelho). No fim dela senti de novo um desses sintomas que cada vez se tornam mais claros e sempre mais horríveis em mim: uma vertigem moral”. (<http://arquivopessoa.net/textos/481>)

Também no cap. XX, Dionísia faz referência ao facto de o seu jazigo ser grande e nele vir a caber também o neto. Efetivamente, após a morte de Fernando Pessoa, o seu corpo foi sepultado no jazigo da avó, no Cemitério dos Prazeres. Só em 1985 os seus restos mortais foram trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos.

Dionísia terá realmente falecido de forma serena, conforme o descrevo no cap. XXVI, e, tal como prometera ao neto, deixou-lhe de herança um montante avultado de dinheiro: segundo Cavalcanti Filho, cerca de 600 mil réis, a que se juntou depois a venda de ações do Banco de Portugal, que somariam mais cerca de 4 milhões de réis.

Emília

Fernando Pessoa terá conhecido D. Emília por volta de 1917, quando vivia num quarto alugado de uma casa pertencente a Manuel António Sengo, na rua Bernardim Ribeiro nº 17, 1º andar. Viveu lá até outubro ou novembro de 1918, tendo a “pitoresca D. Emília” (nas palavras de Eduardo Freitas da Costa) como governanta. Consta que D. Emília tinha uma filha, Claudina, de Manuel António Sengo (dono da Leitaria Alentejana), que nunca a perfilhou. Talvez comovido pela história (que não explorei neste romance), Fernando Pessoa desafia D. Emília a ir consigo para Cascais e a levar a filha com ela, tencionando dessa forma proporcionar-lhes uma vida melhor. Acabou, no entanto, por não ficar com o lugar a que concorrera: Conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, cargo que na altura foi ocupado pelo pintor Carlos Bonvalot.

Henrique Rosa

Henrique Rosa (1850-1925) era irmão de João Miguel Rosa, padrao de Fernando Pessoa. A descrição do tio no Cap. XX, foi baseada no que me foi possível saber sobre ele, quer física quer psicologicamente. Foi uma figura muito importante para o jovem Fernando na fase da juventude, pelos livros que lhe deu a ler e pelas figuras da cultura portuguesa que lhe apresentou. No entanto, os diálogos e situações descritas (como o facto de ter sido ele a oferecer-lhe o primeiro cigarro, ou a sugerir-lhe uma visita a uma casa de prostituição) são pura ficção. Segundo Manuela Nogueira, sobrinha de Fernando Pessoa, Henrique Rosa trabalhou durante alguns anos no jornal O Pimpão, onde publicava crónicas “picantes” sob o pseudónimo “Azor” – um anagrama de “Roza”. Ainda segundo Manuela Nunes, Fernando Pessoa terá escrito também para O Pimpão usando o pseudónimo “Diabo Azul”, que já era usado há algum tempo para assinar crónicas e charadas. Fernando Pessoa terá ganho algum dinheiro com isso.

Consta também que Henrique Rosa terá mesmo corrido com um carteiro à paulada, conforme o descrevi no capítulo XXI. A história surge como verídica no livro de José Cavalcanti Filho, Fernando Pessoa – uma quase-autobiografia.

Irene

Segundo José Paulo Cavalcanti, terá existido mesmo uma lavadeira de nome Irene na vida de Fernando Pessoa. Irene teria uma filha, Guiomar, e é provável que o verso “Se casasse com a filha de minha lavadeira talvez fosse feliz”, do poema “Tabacaria” (Álvaro de Campos) fosse inspirado nela.

João Miguel Rosa

Nascido em 1857, consta que terá realmente conversado pela primeira vez com a mãe de Fernando Pessoa numa viagem de americano – assim relatado pela filha de ambos, Teca, e aproveitado por mim no cap. VI – antes de o Capitão partir como Cônsul para África, mas toda a situação e diálogos foi ficcionada.

Segundo Fernando Carneiro, em “O Desejo e a Morte em Fernando Pessoa(s)”, João Miguel Rosa descrevia realmente o enteado como um “teimoso manso” (cap. X). Essa referência surge também na biografia que Cavalcanti Filho fez do poeta.

João Nogueira de Freitas

O tio João Nogueira de Freitas (1866 – 1904), marido da tia Anica, ocupou vários cargos importantes durante a sua vida: foi diretor da Caixa Económica, trabalhou no Instituto de Navegação e foi vice-cônsul de França. Teve também uma saboaria – que Fernando Pessoa visitou, na sua viagem aos Açores – em sociedade com João Belo de Moraes, e pertenceu à União Fabril Terceirense.

Joaquim de Seabra Pessoa

Joaquim de Seabra Pessoa (1850 – 1893), filho de Dionísia Seabra e do general Joaquim António de Araújo Pessoa, era funcionário público do Ministério da Justiça e crítico musical do DN (desde 1876), quando a mulher deu à luz o seu primeiro filho, Fernando Pessoa. Quando este tinha 5 anos, Joaquim terá adoecido com tuberculoso, e foi realmente tentar recuperar da doença na quinta do Dr. João Gregório Korth, amigo da família, conforme descrevo no cap. IV. Consta que Fernando terá visitado o pai algumas vezes, até este decidir regressar a casa para passar os seus últimos momentos em família. Segundo Teresa Rita Lopes, investigadora da obra pessoana, o pequeno Fernando terá mesmo acompanhado o pai às termas de Caneças, o que pode ser lido nas cartas que Joaquim Pessoa escreveu à esposa nesse período. Essas cartas foram mais tarde entregues a Fernando pela mãe.

Não é certo que a criação da personagem Chevalier de Pas esteja ligada à doença e morte do pai, conforme o ficcionei no romance. Alguns autores sugerem que Fernando Pessoa a tenha inventado para mitigar o sofrimento, mas a única certeza que se tem é que surgiu neste período.

Jorge Pessoa

No dia 21 de janeiro de 1893, tinha Fernando Pessoa quatro anos, a sua mãe deu à luz mais um filho, Jorge. O pai de Fernando já se encontrava doente na altura, com tuberculose. A avó Dionísia continuava louca. Não terá sido, certamente, um período fácil para o pequeno Fernando – até porque Jorginho veio a falecer com poucos meses de vida, no decorrer de complicações provocadas por uma vacina - mas toda a situação e sentimentos descritos no capítulo V são do domínio da ficção.

Lisbela Pessoa Machado

A viagem de Fernando Pessoa, da sua mãe e de Teca ao Algarve, descrita no cap. XV, terá mesmo acontecido, com o objetivo de visitarem, entre outros familiares, a prima Lisbela da Cruz Pessoa Machado (prima direita do pai de Fernando Pessoa), residente no Largo da Alagoa, onde hoje fica o nº 40. Em Tavira terá também nascido o avô paterno de Fernando Pessoa, o General Joaquim António de Araújo Pessoa, que Fernando nunca chegou a conhecer. Não é por acaso que, anos mais tarde, quando Fernando Pessoa cria o seu heterónimo Álvaro de Campos, o tenho imaginado oriundo de Tavira. Em diversos poemas Álvaro de Campos faz referência a memórias suas de infância que podem bem confundir-se com as memórias que Fernando terá guardado desta visita ao Algarve (bem como de outras que possa ter feito entretanto). A Biblioteca Municipal de Tavira tem hoje o nome de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa terá mantido o contacto com a prima Lisbela durante os anos seguintes. No cap. XXV descreve-se um episódio em que Fernando Pessoa faz “olhinhos a uma rapariga nova”. Esse episódio vem descrito no diário que o poeta escreve neste período (1915): “À noite, no hotel com a tia Lisbela, muito agradável; fiz olhinhos a uma rapariga bastante interessante que pareceu gostar de mim. Senti-me à vontade com elas (ela e talvez uma irmã), embora falasse pouco.” No dia seguinte escreve: “À noite fiquei satisfeito por ouvir duas amáveis referências (Côrtes-Rodrigues e Perdigão) ao facto de eu estar bem vestido (Oh! eu?) e passei uma hora e meia muito agradável no hotel fazendo ainda mais olhinhos (e trocando olhares) com a rapariga (de 17 anos, excelente) e pareceu-me agradar-lhe, a ela, à irmã e até à sua surda mãe. Falei com ela com bastante à-vontade, olhando-a até diretamente nos olhos.”

Luís Miguel Rosa Dias

Luís Miguel Rosa Dias, filho mais novo de Teca e de Francisco Caetano Dias, nasceu a 1 de Janeiro de 1931. Fernando Pessoa tratava-o habitualmente por “Bebé”.

Madge

Margaret Mary Moncrieff Anderson – Madge – nasceu em 1904 nos subúrbios de Glasgow, no seio de uma família conservadora irlando-escocesa. Licenciou-se na Universidade de St. Andrews, na Escócia, e foi trabalhar para o Foreign Office, em Londres. Terá casado uma primeira vez, divorciando-se algum tempo depois. Casou uma segunda, com Frederick William Winterbotham, que chefiou a Air Section do Secret Intelligent Service. Pelo meio, ter-se-á correspondido com Fernando Pessoa, sendo apontada como a possível última paixão do poeta. Manuela Nogueira, sobrinha de Fernando Pessoa, escreveu a este propósito: “(...) vagamente, sabe-se que a irmã terá tentado aproximá-lo de uma inglesa, cunhada de um dos irmãos de Fernando Pessoa, Madge Anderson, que esteve em Lisboa nos anos 30. Ele não se terá manifestado muito interessado. No entanto, os dois correspondem-se. Existe pelo menos um postal de Madge, referindo um livro que Pessoa lhe terá enviado e mostrando uma forte simpatia (...)” (in <http://alegriabreve47.blogspot.pt/2012/11/pessoa-e-ofelia-um-namoro-dificil.html>) Ainda segundo Manuela Nogueira, Madge era conhecida pelo seu mau feitio, e a família considerava-a um pouco louca. Talvez por essa razão achasse que poderia ser uma companheira à altura de Fernando Pessoa. Madge morreu em 1988, com 83 anos.

Manuel Galdino da Cunha (Tio Taco)

Manuel Galdino da Cunha (1825 – 1898), respeitável oficial da Armada, com um bom cargo na Direção-Geral dos Caminhos de Ferro, era um homem bem relacionado e amante da causa Progressista. Consta que, a par da sua esposa, Maria Xavier, terá sido um grande companheiro do pequeno Fernando na fase difícil da vida da família, aquando da morte de Joaquim Pessoa e Jorginho. Fernando ficava com frequência em casa dos tios-avós que, sem filhos ou netos, a ele se dedicavam com prazer, levando-o a passear aos locais indicados no capítulo V.

O tio Taco acompanharia depois a sobrinha Maria e o sobrinho-neto Fernando na longa viagem até Durban, que terá durado cerca de um mês. Mas o que nela se terá passado, que conversas terão surgido, só podemos imaginá-lo.

O plano de estudos de piano deixado a Fernando Pessoa pelo seu tio Taco, terá também existido, mas toda a polémica que é descrita no capítulo X, em torno dele, é ficção. Não consta, efetivamente, que Pessoa tenha aprendido a tocar qualquer instrumento, mas dedicou alguns textos e poemas à música, como é o caso de “A música, sim a música...” assinado por Álvaro de Campos. Na tese de mestrado de Sandra Eveline de Almeida (Univ. de Coimbra) – “Fernando Pessoa e a Música: As outras Vozes do Poeta” – é mesmo colocada a seguinte questão: “Teria Fernando Pessoa preferido a arte musical dos sons à arte literária se não tivesse perdido tão precocemente, ainda na infância, o pai, Joaquim de Seabra Pessoa, amador e crítico de música?” (<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20409>). De referir ainda que, dada a musicalidade dos poemas de Fernando Pessoa, muitos foram já transformados em canção.

Maria Madalena Pinheiro Nogueira

Maria Madalena Pinheiro Nogueira, mãe de Fernando Pessoa, nasceu em Angra do Heroísmo a 30 de dezembro de 1861. Aos três anos veio para o continente com os pais: Madalena Pinheiro Nogueira e Luís António Nogueira, que foi diretor-geral no Ministério do Reino. Aprendeu inglês com o preceptor dos infantes D. Carlos e D. Afonso e estudou num colégio inglês. Muito culta para a época, falava fluentemente inglês e francês e tocava piano. A 5 de setembro de 1887 casou com Joaquim de Seabra Pessoa. O primeiro filho, Fernando, nasceu a 10 de junho de 1888. O segundo, Jorge, nasceu em 1893, e morreu no ano seguinte, pouco tempo depois de Joaquim Pessoa.

Madalena terá conhecido entretanto o Capitão João Miguel Rosas, com quem virá a casar, mudando-se pouco depois para Durban, onde João Miguel era Cônsul de Portugal. A ideia de não levar o pequeno Fernando para África, deixando-o com a família dos Açores, também se verificou – comprovada nas cartas trocadas entre Maria e a irmã Anica –, mas não se sabe se Fernando terá descoberto ou não as intenções da mãe, e se terá sido isso o que o levou a escrever “À minha querida mamã”. Alguns críticos de Pessoa estranham também que o pequeno Fernando tenha cometido o lapso de tratar a mãe por “tu” nessa quadra. Terá sido propositado (conforme o assumo no Cap. 6)?

Mário Nogueira de Freitas

Mário (1891 – 1932), filho da tia Anica, terá tido uma relação bastante próxima do primo Fernando Pessoa, muito embora os feitios de ambos fossem muito diferentes. Mário parecia ter queda para o negócio, e Fernando Pessoa trabalhou nos seus escritórios.

Ofélia Maria Queiroz

Ofélia nasceu a 14 de junho de 1900, em Lisboa. Era a mais nova de oito irmãos. Joaquina de Queirós, uma dessas irmãs, era mãe do poeta Carlos Queirós, que se tornaria também poeta e amigo de Fernando Pessoa. Fez o primeiro grau de instrução e estudou francês e inglês. Sonhava ser professora de Matemática, mas acabou por empregar-se como secretária na firma Félix, Valladas & Freitas, onde conheceu Fernando Pessoa. Tinha na altura 19 anos, Fernando 31. Namoraram em segredo entre maio e novembro de 1920, e depois entre setembro de 1929 e janeiro de 1930. A última carta que Fernando Pessoa escreveu a Ofélia data de 11 de janeiro de 1930. Três anos após a morte de Fernando Pessoa, Ofélia casou com Augusto Eduardo Soares, administrador da produtora Tobis. Trabalhou no Secretariado Nacional de Informação até 1955, morrendo a 18 de julho de 1991, sem filhos.

Os episódios e diálogos entre Fernando Pessoa e Ofélia descritos neste romance foram baseados nas cartas trocadas entre os dois e nas entrevistas que Ofélia deu anos mais tarde.

No cap. XLII relato o momento em que Fernando Pessoa foi oferecer um exemplar de Mensagem a Ofélia, sem chegar a encontrar-se com ela. (O que teria acontecido se tivesse sido ela a abrir-lhe a porta?) O episódio foi anos mais tarde relatado por Ofélia, de forma semelhante à que descrevi.

Olga

O último poema partilhado neste capítulo é de junho de 1902, mas é impossível saber quem ou o quê o terá inspirado. O que se sabe é que Fernando Pessoa começou, por esta altura, a escrever poemas de amor num caderno. Chamou-lhes primeiro “Sonetos d’Amor”, depois “Antígona”. Neles se inclui este “Adeus”, poema de uma paixão que um navio parece ter separado. Olga, também não consta que tenha existido nenhuma, por esta altura. Mais tarde, quando o poeta rabisca aquilo que descreve como comunicações mediúnicas – entre 1916 e 1918 – o espírito Henry More ter-lhe-á “dito” que ele encontraria uma Olga nascida nos Açores. “Espera pelos lábios dela. Vão pôr-te louco”. A Olga ficcionada que incluí no capítulo XVI é uma referência a essa outra Olga que surgirá mais tarde nos escritos de Fernando Pessoa.

Paciência

Paciência existiu e terá sido também importante na infância de Fernando Pessoa, acompanhado a família até à África do Sul.

Teca

Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias (Teca) nasceu a 27 de novembro de 1896, em Durban. É a primeira filha do casamento de Maria Madalena, mãe de Fernando Pessoa, com o coronel João Miguel Rosa. Apesar de ter oito anos de diferença do meio-irmão e um feitio muito diferente, a relação sempre foi muito próxima. Ficaram alguns anos afastados, quando Fernando Pessoa veio estudar para Lisboa, mas, após a morte de João Miguel Rosa, em 1920, Teca mudou-se para Portugal com a mãe e os dois irmãos mais novos. Estes foram pouco depois para Inglaterra, mas Teca viveu durante alguns anos com Fernando Pessoa e com a mãe de ambos na Rua Coelho da Rocha, nº 16, em Campo de Ourique, onde hoje é a Casa Fernando Pessoa. Em 1923, Teca casa com Francisco Rosa Dias, oficial da Administração Militar, e o casal muda-se para a Quinta dos Marechais, em Benfica, onde vem a falecer Maria Madalena, assim como a primeira filha de Teca, afilhada de Fernando Pessoa, no ano de 1925. Teca regressa com o marido à Rua Coelho da Rocha, onde nasce Maria Manuela (Mimi), mas a família muda-se pouco tempo depois para Évora, cidade que Fernando Pessoa visitou muitas vezes, nesse período. Quando Fernando Pessoa morre, em novembro de 1935, Teca, o marido e a filha viviam já no Estoril, na casa que ainda hoje é habitada por Maria Manuela, sobrinha do escritor.

Henriqueta Madalena começou cedo a ser chamada de Teca, mas não se sabe se foi por sugestão de Fernando Pessoa. Fernando Pessoa teria realmente jeito para lidar com os irmãos mais novos, jeito esse que viria mais tarde a fazer também as delícias da sua sobrinha Mimi. Fernando Pessoa escreveu inclusive alguns poemas divertidos que foram, entretanto, compilados em livros como “Poesia de Fernando Pessoa para Todos” (org. José António Gomes, Porto Editora, 2019). A poesia de Fernando Pessoa para a infância deu também lugar ao espetáculo “Afinal o Caracol”, da Companhia Andante, que recebeu o Prémio Ler + 2019.

Virgínia Sena Pereira

Virgínia mãe e filha eram, de facto, vizinhas de Fernando Pessoa. No cartão de apresentação do poeta podia ler-se, em letra miudinha: “Pedir o favor de chamar, ao lado, o senhor Fernando Pessoa, Rua Coelho da Rocha, 16, 1º direito.” Vivia também com elas Chester Merrill, filho do segundo casamento de Virgínia Sena Pereira com um cônsul americano, com quem residiu muitos anos em Boston, até enviuvar. Jorge de Sena, sobrinho, era visita frequente do apartamento, e é possível que tenha sido por lá que estabeleceu o primeiro contato com Fernando Pessoa.

... DE ÁFRICA

Haggar

O professor Haggar (cap. XVIII), diretor e proprietário da Commercial School, e tutor de Fernando Pessoa na preparação para as provas de admissão, terá mesmo existido e com a importância descrita.

Harry

Harry (cap. XI), o colega da Durban High School existiu mesmo, e não terá facilitado a vida ao colega de nome estranho. No seu texto inacabado “Os Rapazes de Barrowby”, Fernando terá ficcionado alguns dos episódios mais cruéis que terá vivido nesta escola.

Nicholas

Willfrid H. Nicholas (cap. XI) foi headmaster da Durban High School durante os anos de 1886 a 1909. Faleceu em 1918. Era um homem tão marcante e tão apaixonado pela cultura clássica, que autores como Hubert Jennings colocam mesmo a possibilidade de Fernando Pessoa se ter inspirado nele para criar o seu heterónimo Ricardo Reis.

Tom

Tom não é certo que tenha existido, muito menos na forma como é descrito no cap. X. A escravatura já fora abolida na África do Sul em 1838, mas demorou a efetivar-se. Durban continuava a ser uma cidade de brancos com criados negros, e há textos de Fernando Pessoa que parecem mostrá-lo conivente com a situação: “A escravatura é lógica e legítima; um zulu ou um landim não representam coisa alguma neste mundo.” (<http://arquivopessoa.net/textos/1013>) No final da sua vida, quando escreve (e tenta publicar, embora sem sucesso) um texto a condenar a invasão da Abissínia pela Alemanha, o seu pensamento já é bastante distinto.

... ESCRITORES E ARTISTAS

Alfredo Guisado

Alfredo Guisado (1891 – 1975), poeta e jornalista, veio também a desempenhar vários cargos políticos, como o de governador civil de Lisboa ou deputado da Assembleia da República pelo partido Republicano. Assinou alguma da sua poesia com o pseudónimo de Pedro de Meneses.

Almada Negreiros

José Sobral de Almada Negreiros nasceu em 1893 em São Tomé e Príncipe. Escritor e artista plástico, foi também bailarino, coreógrafo e figurinista. Morreu em 1970, no mesmo quarto de hospital de Fernando Pessoa.

Amadeo de Souza-Cardoso

Amadeo de Souza-Cardoso nasceu em 1887, em Amarante. Pintor modernista, integrou a Geração de Orpheu. Morreu a 25 de outubro de 1918, vítima de gripe pneumónica, poucos meses depois de Santa-Rita Pintor.

António Botto nasceu em 1897 e foi o primeiro português a assumir publicamente a sua homossexualidade e a publicar, sem subterfúgios, poesia homoerótica. Foi o autor português sobre quem Fernando Pessoa mais escreveu, defendendo sempre a qualidade literária do amigo. Por volta de 1929, Botto conheceu aquela que viria a tornar-se sua esposa – Carminda Rodrigues – e emigrou com ela para o Brasil em 1947, onde veio a morrer em 1959. Pelo meio, para além de diversas obras de poesia e prosa, escreveu obras infantis e até um hino a Nossa Senhora de Fátima, ainda hoje cantado no santuário.

António Ferro, sete anos mais novo do que Fernando Pessoa, estreou-se em 1912 com “Missal de Trovas”, livro de quadras populares. Numa edição posterior, de 1914, o livro seria acompanhado de críticas favoráveis de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro (que o apresentou a Pessoa), entre outros. Por altura do 1º número de Orfeu, António Ferro ainda era menor, mas consta na ficha técnica como editor. Crê-se que terá assumido o cargo não pelas suas qualidades, mas porque, sendo menor, não poderia ser preso, caso a revista viesse a dar problemas.

Em 1915, António Ferro cortou relações com Fernando Pessoa à custa da carta de Álvaro de Campos a regozijar-se pelo acidente de Afonso Costa (a dita frase tirada do contexto, conforme é explicado no cap. XXX). Em 1918, na sua estreia como cronista de O Século, Ferro procurou enxovalhar os “poetas do Martinho”, aqueles que “posam de futuristas (...) e andam para aí a apodrecer pelas esquinas (...), pobres cegos de estrada a lamuriar elogios.” O apoio ao presidente-rei Sidónio reaproxima-o novamente de Fernando Pessoa, politicamente, mas enquanto Ferro continuou a defender um regime autoritário e a deslumbrar-se com o Fascismo, Pessoa nunca deixou de ser um liberal, priorizando a liberdade de espírito.

Entretanto, Salazar é nomeado Presidente do Conselho a 5 de julho de 1932. A 19 de março do ano seguinte, é aprovada a nova Constituição que instaura o Estado Novo. O Secretariado de Propaganda Nacional é, entretanto, instituído a 26 de outubro de 1933. Seis meses antes surgira, na Alemanha, o Ministério da Cultura Popular e da Propaganda, dirigido por Goebbels, e em Itália existia o Subsecretariado de Estado para a Imprensa e a Propaganda, que em 1937 viria a dar lugar ao MinCulPop, Ministério da Cultura Popular. Para dirigir o Secretariado de Propaganda Nacional português foi convidado António Ferro, o único jornalista português a entrevistar Hitler (<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/30-abr-2020/agitada-e-sensacional-entrevista-com-adolfo-hitler-chefe-dos-nacionais-socialistas-9717743.html>) e Mussolini (<https://www.dn.pt/mundo/entrevista-de-mussolini-ao-dn--10283562.html>). Em 1933, António Ferro escreveu o livro Salazar: o Homem e a sua Obra, e enviou exemplares a Fernando Pessoa, que o elogia pela sua “mestria publicitária”.

António Ferro casou em 1922 com a escritora Fernanda de Castro, que seria amiga de Fernando Pessoa. Houve até quem apontasse uma paixão entre os dois, desmentida por Fernanda anos mais tarde, nas suas memórias. Nelas, descreveu Fernando Pessoa como alguém “calado, ensimesmado, de uma timidez que chegava a incomodar-nos”. Não havia qualquer livro de Fernanda de Castro na biblioteca de Pessoa. https://www.academia.edu/35503507/A_última_paixão_de_Fernando_Pessoa

Tudo o que é contado no romance sobre o Prémio Antero de Quental – promovido pelo Secretariado de Propaganda Nacional, que era dirigido por António Ferro –, a que Fernando Pessoa concorreu com Mensagem, foi baseado nos artigos de José Barreto, nomeadamente “A Mensagem de Fernando Pessoa e o prémio de poesia do SPN de 1934”, disponível em https://www.academia.edu/37970293/A_Mensagem_de_Fernando_Pessoa_e_o_premio_de_poesia_do_SPN_de_1934. Neste artigo consta a ata do Prémio Antero de Quental, que esteve desaparecida até 2015, e se encontra atualmente na Fundação António Quadros.

Armando Côrtes-Rodrigues nasceu em 1891, nos Açores. Mudou-se para Lisboa em 1910, para estudar na Faculdade de Letras, e foi nesse período que conheceu Fernando Pessoa, integrando também o grupo que criou a revista Orpheu. Regressou aos Açores em 1917, mas manteve a correspondência com Fernando Pessoa. É considerado hoje um dos maiores intelectuais açorianos do século XX.

Augusto Ferreira Gomes, nascido em 1882, foi escritor e jornalista. Era um dos amigos mais próximos de Fernando Pessoa, que o tratava amiúde por Bogsinamm pequeno, por razões que desconheço. Em 1934, Fernando Pessoa escreveu o prefácio para o livro Quinto Império, da autoria do amigo, livro esse que continha muitas ideias partilhadas entre os dois, e que Fernando Pessoa usou também no seu livro Mensagem, como veremos mais à frente. Homem místico, fascinado pelos temas do além, Augusto Ferreira Gomes participou ativamente no Caso da Boca do Inferno, muito embora tenha emigrado por esta altura para França, a fim de casar com uma mulher francesa, Marcelle.

Carlos Queiroz

Carlos Queirós Ribeiro nasceu em 1907, em Lisboa. Sobrinho de Ofélia, tornou-se também amigo de Fernando Pessoa, com quem partilhava a paixão pelas letras. Consta que não era um bom aluno, preferindo desde novo as tertúlias literárias e a vida boémia, razão pela qual foi enviado para Santarém, para concluir o liceu, que completou tardiamente. O episódio descrito no capítulo XXXVIII terá mesmo acontecido, mas provavelmente não num dia em que Fernando Pessoa estivesse a regressar de Évora.

Cecília Meireles

Nasceu a 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, e faleceu, de cancro, em novembro de 1964. Apesar do reconhecimento literário que lhe foi feito em vida, nunca ingressou na Academia, que na altura parecia vedada a mulheres. Por críticas ao presidente Getúlio Vargas, foi também, tal como Fernando Pessoa, uma vítima da censura. A 19 de novembro de 1935, poucos dias antes da morte de Fernando Pessoa, o seu marido, também Fernando (Correia Dias), suicidou-se na própria casa, deixando três filhas pequenas órfãs de pai. Diz-se que sofreria de neurastenia, de que também se queixava Pessoa.

Cecília Meireles sentia afinidade com o poeta português, mesmo sem o conhecer: “Eu creio bem que intimamente nos pareçamos, como se parecem as pessoas de origem comum. Não só descendemos ambos de açorianos, o que é uma psicologia especialíssima, como tivemos ambos grandes mergulhos na literatura inglesa. (...) Tanto ele como eu nos aproximamos de investigações místicas e mágicas do mundo. Ele chegou mesmo a ser astrólogo de renome, segundo ouvi dizer. Eu, apenas fiquei pasmada diante das feitiçarias do mundo.”

Não se sabe ao certo o que terá levado Fernando Pessoa a não comparecer no encontro combinado com a escritora brasileira. Sabe-se, sim, que deixou um livro seu no hotel onde Cecília e o marido estavam hospedados, com a seguinte dedicatória: “A Cecília Meyreles, alto poeta, e a Correia Dias, artista, velho amigo e até cúmplice na invocação da Apolo e Atena, Fernando Pessoa, 10-XII-34”.

Da Cunha Dias

Alberto Da Cunha Dias, nascido em 1886, foi advogado, jornalista e escritor. Frequentava, tal como Fernando, os cafés de Lisboa, e pedia amiúde ao amigo que lhe consultasse os astros. Quando Da Cunha Dias dizia que ia ao bruxo, tinha encontro marcado com Fernando Pessoa no Café Montanha, na Rua da Assunção. Era o seu “bruxo” predileto, razão pela qual Fernando Pessoa se viu envolvido na polémica que desencadeou o internamento compulsivo de Da Cunha Dias.

Da Cunha Dias partilhava também com Fernando o gosto pela publicidade, e terá criado uma empresa nesse ramo – Companhia Portuguesa de Publicidade, das primeiras do ramo, com sede na Rua Augusta –, em atividade em 1916. Consta também que Fernando Pessoa e Da Cunha Dias almoçaram ou jantaram juntos, durante mais de vinte anos, no aniversário um do outro.

Ao ser detido, Da Cunha Dias foi levado para o manicómio do Telhal, onde foi examinado pelos médicos Luís Cebola e Júlio de Matos. O exame terá corrido tão mal, com Da Cunha Dias a destratar os examinadores, que Júlio de Matos o considerou, no seu relatório, um homem “perigoso” e “incurável”, assinando a sua transferência para o Hospital Conde de Ferreira, onde foi mesmo colocado numa cela para doentes “furiosos”.

A fuga de Da Cunha Dias deste hospital, no Porto – pela janela, subornando um enfermeiro – vem descrita no artigo “O Mago e o Louco” de José Barreto (https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6534/1/ICS_JBarreto_Mago_ARL.pdf), onde também se pode ler o provável desfecho desta aventura: “Enquanto o Governo Civil do Porto emitia um mandado de captura contra Cunha Dias e os médicos do Hospital Conde de Ferreira alertavam as autoridades de Lisboa para o ‘perigosíssimo’ fugitivo, ele vagueou durante três semanas pelo centro do país, principalmente no distrito de Leiria, onde tinha amigos, nomeadamente o advogado e ex-colega Henrique Pereira Ribeiro, cuja família lhe deu refúgio na Quinta de Andrinos, nas imediações de Leiria. Ribeiro foi o defensor de Cunha Dias neste caso e o autor do livro ‘Factos e Não Palavras. O sequestro do Dr. Da Cunha Dias’, publicado ainda em 1916, de que Pessoa possuía um exemplar.”

A participação de Fernando Pessoa na fuga de Da Cunha Dias do Hospital Conde Ferreira – ficcionada no capítulo XXXI –, baseou-se num relato do psiquiatra Luís Cebola (1876-1967), diretor clínico do Manicómio do Telhal (1911 – 1948), publicado em livro nos anos 50. Não há, no entanto, nenhuma prova desse acontecimento, nem elementos que confirmem que Fernando Pessoa terá alguma vez visitado a cidade do Porto.

A 22 de outubro, Da Cunha Dias é novamente detido, em Lisboa, seguindo-se uma luta judicial que envolveu o seu ex-sogro, membros do governo, polícia, funcionários judiciais e psiquiatras. Da Cunha Dias foi libertado a 1 de novembro, no Porto e, segundo consta, uma das suas primeiras ações, em liberdade, foi a de enviar um telegrama para o amigo Fernando Pessoa: “Livre. Abraça – Da Cunha Dias”.

Da Cunha Dias casou pela segunda vez a 7 de Março de 1922, com Palmira, de quem teve quatro filhos. Em 1923, Fernando refaz os seus mapas astrológicos e verifica que muitas das tendências que Fernando havia apontado em 1915 haviam sido corrigidas. Da Cunha Dias era um homem diferente, e a mulher que amava algum contributo teria tido.

A 4 de setembro de 1916, Fernando assinou a sua primeira carta como “Pessoa”, retirando o acento circunflexo. Nessa carta, explicou a Côrtes-Rodrigues que pretendeu, com isso, “desadaptar-se do inútil, que prejudica o nome cosmopolitamente”. Esse facto é referido no capítulo XXVI, no diálogo entre Fernando Pessoa e Da Cunha Dias. Para simplificar, optei por usar sempre, ao longo do livro, a formulação sem o acento circunflexo.

No cap. XLII refiro que Mensagem teria, originalmente, o título de Portugal. A mudança, descrita neste capítulo, foi feita pelo próprio Pessoa, em nota datilografada: “porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar que o nome da nossa pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua melhor dinastia (...) Quando quem vence é a razão, seja quem for o seu procurador ocasional”. Crê-se que é feita, desta forma, uma alusão à fábrica de calçado “A Portugal” e ao Hotel Avis, desse período.

Eliezer Kamenezky

Eliezer Kamenezky (1888 – 1957), judeu de origem russa, foi poeta, ator, músico, e um dos principais responsáveis pela divulgação do vegetarianismo e do naturismo em vários países, incluindo Portugal, onde se radicou nos anos 20. Instalou na altura uma livraria alfarrabista – Livraria Biblarte, na Rua do Alecrim –, que Fernando Pessoa terá começado a frequentar. É possível que os dois se tenham aí conhecido. Kamenezky casou, efetivamente, com uma professora do Redondo, e ainda hoje, nesta terra, existe uma rua chamada Arnilde e Eliezer Kamenesky, em homenagem ao casal.

A par do que acontecia noutros países da Europa, também em Portugal, no início do século XX, se começou a discutir as vantagens da alimentação vegetariana, tendo o médico Amílcar de Sousa sido um dos grandes impulsionadores do movimento. Em 1911 foi fundada a Sociedade Vegetariana de Portugal, e em 1913 abriu o Grande Hotel Frutí-Vegetariano, uma pensão naturista, de quatro pisos, na Rua dos Caldeireiros, 26, no Porto. Em Lisboa, surgiu também por essa altura a Maison Vegétarienne, na Av. da Liberdade, nº 100, com serviço de refeições e consultas naturistas. É também desta altura o anúncio onde surgia o Dr. Amílcar de Sousa a trepar a uma árvore em tronco nu, com as seguintes palavras: “Só diz que o bacalhau é bom quem nunca provou destes frutos”.

Florbelá Espanca

Florbelá Espanca nasceu em Vila Viçosa, em 1894. Fez o Curso Complementar de Letras no Liceu de Évora, prosseguindo os estudos na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Entre 1917 e 1919 (altura em que sofre um aborto espontâneo), Florbelá esteve na capital e contactou com a vida boémia da cidade.

Florbelá Espanca publicou em vida Livro de Mágoas (1919), Claustro das Quimeras (1920), Livro de Soror Saudade (1923) e As Máscaras do Destino (1927). Em 1930 escreveu o Diário do Último Ano, que foi publicado só após a sua morte, assim como Charneca em Flor. Na certidão de óbito foi apontada como causa da morte da poetisa um edema pulmonar, mas as duas caixas vazias de Veronal, um sonífero, encontradas debaixo da sua cama, levaram muitos investigadores a defender a tese de suicídio, até porque Florbelá Espanca sofrera bastante com a morte do irmão e os dois abortos que sofrera. A morte ocorreu no dia do seu aniversário, que era também o aniversário do seu primeiro casamento.

Jorge de Sena

Jorge de Sena, poeta português nascido em 1919, publicou os seus primeiros poemas em 1940, na revista Cadernos de Poesia, com o pseudónimo Teles de Abreu. Em 1942, publicou o primeiro livro de poesia – Perseguição –, que já assinou com o seu nome. Por essa altura já se debruçava sobre a obra de Pessoa, tendo escrito mais de vinte ensaios que hoje estão reunidos em livro. Jorge de Sena acabou por se exilar no Brasil, e foi lá que começou a receber cópias dos originais que Pessoa escreveu para o seu Livro do Desassossego, organizados e fixados por Maria Aliete Galhoz. Jorge de Sena trabalhou bastante no projeto, mas nunca chegou a terminá-lo. A primeira edição do livro acabou

por ficar a cargo de Jacinto Prado Coelho, mas o texto que Jorge de Sena projetou para a sua introdução continua a ser considerado uma das melhores análises ao Livro do Desassossego.

José Pacheco

José Pacheco (1885 – 1934) esteve alguns anos em Paris, onde privou com Mário de Sá-Carneiro. Terá sido ele a apresentar José Pacheco a Fernando Pessoa. Na Orpheu, Pacheco ficou responsável pela direção gráfica.

Judith Teixeira

Judith Teixeira nasceu em Viseu, em 1880. Em 1907 casou com Jaime Levy Azancot, e com ele viveu em Lisboa até 1913, altura em que o casamento foi dissolvido por alegado adultério da esposa e abandono do lar. Em 1914, Judith casou novamente com Álvaro Virgílio de Franco Teixeira. Começou a escrever na adolescência, mas o seu primeiro livro, “Decadência”, só foi publicado em 1923. Fernando Pessoa escreve, por essa altura, numa carta, que Judith Teixeira não tinha “lugar, abstrata e absolutamente falando”.

Até 1927, Judith Teixeira publica outros livros e dirige a Revista Europa. O conteúdo erótico dos seus poemas ditará a sua “morte artística”. Conhece-se pouco da sua vida a partir desse momento. Sabe-se apenas que morreu em 1959, viúva e sem filhos. Em 2015 a sua obra foi publicada na editora D. Quixote, organizada por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. “Poesia e Prosa” reúne cinco livros de Judith Teixeira e uma sua conferência inédita, recordando a escritora como uma das figuras esquecidas (ou silenciadas) do modernismo português.

Embora Judith Teixeira fosse conhecida pela sua ousadia e atitude provocatória, o episódio narrado no capítulo XXVIII – Judith a interpelar diretamente os fundadores de Orfeu – é do domínio da ficção.

Luís de Montalvor

Luís de Montalvor, nome artístico de Luís Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos, era amigo de Mário de Sá Carneiro dos tempos do Liceu Camões. Poeta, ensaísta e crítico, seria ele o primeiro diretor, com Ronald de Carvalho, da revista Orpheu. Há muito que Luís de Montalvor tencionava criar uma revista modernista em Portugal, e conseguiu-o por fim quando regressou do Brasil.

Maria O’Neill

Maria O’Neill nasceu em 1873, em Lisboa. Escritora, jornalista, feminista (fez parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), teosofista e espírita portuguesa, foi avó do poeta Alexandre O’Neill.

Maria Veleda

Maria Veleda é um pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispim. Nascida em 1871, foi professora, escritora, jornalista e ativista que lutava pelos direitos das mulheres e das crianças. Mulher de convicções fortes, sem medo de polémicas, chegou a ser condenada, em 1909, por abuso de liberdade de imprensa. Os seus artigos contra a Monarquia e a Igreja valeram-lhe inúmeras ameaças de morte. Alguns dos seus discursos e palestras foram compilados em livro – A Conquista –, prefaciado por António José de Almeida. Ao assumir a direção da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, dirigiu também a revista A Mulher e a Criança (revista da Liga, publicada entre 1909 e 1911) e A Madrugada (jornal publicado entre 1911 e 1918), e criou o Grupo das Treze: 13 mulheres que pretendiam lutar pela emancipação da mulher, combatendo a ignorância, as superstições, o dogmatismo religioso e o conservadorismo.

Em 1916, Maria Veleda começou a estudar o espiritismo e o esoterismo, fundando o Grupo Espiritualista Luz e Amor e participando, mais tarde, na criação da Federação Espírita Portuguesa. Fundou também revistas de pendor espiritualista e, em 1950, contou ao jornal A República tudo aquilo que é descrito no capítulo XXIX, com o título “Memórias de Maria Veleda”. Não se sabe, no entanto, se alguma vez o terá contado a Fernando Pessoa.

Marinetti

Apesar de nem todos os autores considerarem misógino o Manifesto Futurista de Marinetti (publicado no jornal Le Figaro a 20 de fevereiro de 1909), surge em 1912 uma reação a essa alegada misoginia: Valentine de Saint-Point, pseudónimo de Anna Jeanne Valentine Marianne Desglans de Cessiat-Vercell, lança o Manifesto da Mulher Futurista e, um ano depois, o Manifesto Futurista da Luxúria, sobre a libertação da mulher. As mulheres deste período – escritoras, pintoras, filósofas, dançarinas – aderiram de forma extraordinária a este movimento, fazendo a sua própria interpretação do Futurismo, feminista.

Max Nordau

Segundo José Barreto, no seu livro Misoginia e Anti-Feminismo em Fernando Pessoa, um dos autores que mais terá influenciado o pensamento de Fernando Pessoa em relação ao voto das mulheres terá sido Max Nordau (1849 – 1923). Pessoa leu pelo menos seis obras dele. Nordau era apoiante do sufrágio universal, mas “tinha sentenças misóginas e patriarcais, dizendo-a (a mulher) inadequada para o ensino superior e com incapacidade para o génio”. Dizia ainda que 80% das mulheres intelectuais deviam ser consideradas “casos patológicos”.

Mimi Haas

Mimi Hass, pseudónimo de Maria Eugénia Haas Costa Ramos, assinava artigos sobre a condição feminina em jornais e revistas de referência nacional. Como Diana de Liz (1892 – 1930), assinou outros escritos que o companheiro — o escritor Ferreira de Castro — publicou após a sua morte. Nasceu em Évora, onde ainda hoje existe uma Rua Diana de Liz.

Nietzsche

Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), filósofo alemão, escreveu em Assim falava Zarathustra: “Vais ter mulheres? Não te esqueças do chicote”. Ellen Key, escritora sueca e amiga do autor terá dito que a misoginia em Nietzsche era fruto da sua frustração por não ter encontrado a mulher ideal.

Proudhon

Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865), filósofo francês, defendia que as mulheres deviam ser submissas, tímidas e temerosas, e que a instrução as tornava mal-educadas. Já das mulheres que escreviam dizia padecerem de “ninfomania intelectual”.

Raul Leal

Raul Leal (1886 – 1964) foi advogado e escritor. Assinou diversos artigos para revistas, alguns de pendor esotérico. O manifesto Sodoma Divinizada é um dos seus textos mais conhecidos, fruto da polémica que desencadeou, descrita no cap. XXXVI. Filho de um ex-diretor do Banco de Portugal, herdeiro de uma generosa herança, assim descreveu Raul Leal a sua infância em Sodoma Divinizada: “Na casa de meus pais recebi uma educação luxuosíssima, conhecendo bem todas as sumptuosidades e elegâncias; natural era portanto que quisesse manter essa vida, ainda que para isso descesse às maiores ignomínias, tanto mais que intensíssimas foram sempre as minhas ambições de luxo, desenfreados os meus apetites e a minha cobiça (...)” Raul Leal passou, entretanto, por enormes provações, renunciando à fortuna, e fascinou-se pelos temas místicos, considerando-se inclusive a reencarnação do profeta Henoch. Consta que terá mostrado interesse em ser iniciado na Ordem de Crowley, conforme descrito no cap. XLI, e que essa iniciação terá realmente acontecido, embora se desconheça em que moldes.

Roberto Nóvoa Santos

No livro *La Indigência Espiritual de la Pobreza Mental de la Mujer*, Roberto Nóvoa Santos (1885 – 1933) opõe-se ao sufrágio feminino e explora, entre outras matérias, “a permanente infantilização feminina”, a psique histeróide das mulheres e a incapacidade feminina para o trabalho intelectual. Hoje sabe-se que esta obra foi escrita depois de um desengano amoroso, que terá marcado negativamente o autor.

Santa-Rita Pintor

Guilherme de Santa-Rita, conhecido como Santa-Rita Pintor, nasceu em 1889 e morreu cedo, em 1918, vítima de tuberculose. Antes de morrer pediu à família que queimasse toda a sua obra. Restaram apenas duas pinturas importantes – “Orfeu no Inferno” e “Cabeça” – bem como algumas reproduções a preto e branco, publicadas em *Orfeu e Portugal Futurista*.

Sarah Grand

Sarah Grand (1854 – 1943) é o pseudónimo da escritora inglesa Frances Elizabeth Bellenden Clarke, uma das precursoras do movimento New Woman. Num dos seus romances mais polémico, *The Heavenly Twins*, Sarah aborda a temática da promiscuidade masculina e das doenças sexualmente transmissíveis.

Schopenhauer

Schopenhauer (1788 – 1860), filósofo alemão, é autor de diversos textos considerados misóginos, o que alguns autores atribuem ao facto de ter tido uma mãe intelectual que depreciava sistematicamente as qualidades do filho. *Über die Weiber* (Ensaio de Schopenhauer acerca das Mulheres), que publicou em 1851, opondo-se ao poema *Dignity of Women* de Friedrich Schiller, acabaria por tornar-se um clássico da literatura misógina. Na velhice, Schopenhauer terá suavizado a sua posição: “Ainda não fiz meu último pronunciamento sobre as mulheres. Acredito que, se uma mulher obtiver êxito em se retirar da coletividade, ou preferir desenvolver-se além dela, não deixará de progredir até mais do que um homem.”

Teixeira de Pascoaes

Sabe-se que Henrique Rosa terá apresentado ao jovem Fernando figuras proeminentes da nossa literatura, como é o caso de Teixeira de Pascoaes, pseudónimo literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, (1877 – 1952). Os diálogos de Teixeira de Pascoaes e de Augusto Gil, embora ficcionados, refletem parte daquilo que se conhece sobre a vida e obra destes autores.

Tomás Ribeiro

Tomás Ribeiro (1831 – 1901) desempenhou inúmeros cargos políticos no país, no Brasil e em Goa, fazendo parte da Câmara dos Pares desde 1881. Foi também jornalista, poeta e escritor ultrarromântico. O seu poema “Judia”, que integra o livro “Sons que Passam”, de 1868, foi bastante aclamado, e até transformado numa canção que se tornou bastante popular na altura. Tomás Ribeiro casou, em segundas núpcias, com Ann Charlotte Syder, e desse casamento nasceram duas filhas: Branca Eva de Gonta Syder, nascida a 8 de julho de 1880, e Irene de Gonta Syder Ribeiro (1885). Ann morreu a 27 de fevereiro de 1910.

Branca cresceu no meio intelectual, convivendo com a elite artística portuguesa. Com 18 anos, casou com o ceramista Jorge Rey Colaço e passou a assinar como Branca de Gonta Colaço. Destacou-se enquanto poetista, dramaturga e conferencista, tendo colaborado também com o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Teve três filhos, um deles o poeta e dramaturgo Tomás Ribeiro Colaço, que veio a fundar, em 1934, o semanário literário *Fradique*, em cujo n.º 2 Pessoa colabora com o artigo «O Homem de Porlock». É nesta revista — recorda Manuela Parreira da Silva — que Tomás Colaço escreve dois

artigos críticos sobre o livro Mensagem, censurando a Pessoa os «excessos de poesia intelectual», a ausência de emoção e sensibilidade e o pensamento antinacionalista. Os dois trocam alguma correspondência entre 1934 e 1935. Branca morreu a 1945. Tomás Ribeiro Colaço em 1965.

Vasco Reis

Vasco Reis (1910 – 1988), autor de A Romaria, deixou de ser franciscano alguns anos depois de ter vencido o Prémio Antero de Quental, passando a assinar Reis Ventura. Sobre este prémio dirá mais tarde: “Não há termo de comparação entre a Mensagem e o poema dos meus 19 anos, chamado A Romaria”.

... MÍSTICAS E MÍSTICOS

Aleister Crowley

A relação entre Pessoa e Crowley tem sido sobejamente investigada, e o cap. XL, assim como o seguinte, foi baseado em tudo o que se sabe atualmente sobre a visita de Crowley e Hanni a Portugal – embora ficcionando tudo o mais que não é possível descortinar. Sabe-se, por exemplo, que Crowley e Hanni fizeram alguns rituais sexuais em casal enquanto estavam em Portugal, mas não se sabe até que ponto terá acontecido um ritual de dimensão maior com a presença de figuras ilustres portuguesas, conforme é sugerido no capítulo. A acontecer, era possível que Crowley pedisse ajuda a Fernando Pessoa, já que havia uma vontade expressa por parte do mago de ter o poeta ao seu lado, na Ordem.

Dado que a Mandrake Press, de que era sócio Aleister Crowley, vivia dias de crise financeira — tendo até proposto que Fernando pagasse para ficar como acionista —, havia intenção de Crowley em abrir uma empresa que pusesse a render os seus direitos em vários países, vendendo também produtos entretanto criados por ele como um certo licor e peças de xadrez. Também para esses negócios o mago queria contar com a ajuda de Fernando Pessoa. É sabido também que Crowley, na altura em que se deslocou a Lisboa, ainda era casado com Maria Theresa Ferrari de Miramar, uma mulher da Nicarágua com quem casara no ano de 1929, em Leipzig. Crowley tinha nessa altura 53 anos e Maria Theresa 35. Crowley haveria de se divorciar dela alguns anos mais tarde, depois de um final de casamento turbulento, que acabou por enlouquecer Maria Theresa – assim como várias outras Mulheres Escarlates que se cruzaram com Aleister Crowley. Na altura em que Crowley conheceu Hanni, uma jovem de 19 anos – celebrou os 20 em Portugal – encantou-se por ela e decidiu levá-la numa viagem pelo mundo, aproveitando para parar em Lisboa e conhecer Fernando Pessoa. Depois deste episódio em Lisboa, Crowley e Hanni voltam a juntar-se na Alemanha, mas por pouco tempo. Crowley arranja outra Mulher Escarlata e, anos mais tarde, Hanni comete suicídio.

Madame Brouillard

No período descrito no cap. XXIII, Fernando Pessoa passou bastante mal, sem doença diagnosticada, mas nada indica que a tia Anica o tenha levado mesmo a uma vidente curandeira. Sabemos apenas que a tia tinha uma relação próxima com os assuntos do além, e que Madame Brouillard – mais conhecida por “bruxa do Chiado” – era uma referência na altura, conforme se pode ler em <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/05/madame-brouillard-bruxa-do-chiado.html>. Mais tarde, em 1913, Fernando Pessoa escreve mesmo no seu diário “Ir consultar a Madalena Brouillard”, o que nos dá uma garantia: pelo menos de nome, o poeta conhecia-a. Outra certeza que existe é a de que a tia Anica terá contribuído para o crescente interesse de Fernando Pessoa pelos temas do ocultismo.

Madame Lacombi

Madame Lacombi escrevia poesia, mas o que lhe deu notoriedade foram os diversos artigos que escreveu para a imprensa portuguesa e estrangeira sobre os seus estudos psíquicos. Charles Richet, médico fisiologista francês que venceu o Prémio Nobel da Medicina em 1913, fez-lhe mesmo uma referência no seu *Traité de Metapsychique* (O Tratado da Metapsíquica). Mais tarde, Madame Lacombi comporia a opereta “Pif-Paf”, que alcançou também sucesso no seu tempo.

Neste período, eram frequentes as sessões como a que descrevo no capítulo XXIX, mas não há indicação de que Fernando Pessoa as tenha frequentado. Apenas se sabe que o assunto lhe interessava, e que Madame Lacombi era uma referência em Lisboa.

... OUTRAS PERSONALIDADES

Afonso Costa

Afonso Costa (1871 – 1937) integrou o Governo Provisório da República, logo após o 5 de outubro de 1910, e ficou conhecido como o “mata-frades”, pela promulgação da Lei da Separação do Estado das Igrejas e a expulsão dos jesuítas, entre outras medidas consideradas pela oposição anti-clericais. Foi um dos fundadores do Partido Democrático, que viria a ser o principal partido da 1ª República até 1926.

A 3 de julho de 1915, Afonso Costa passeava de elétrico com alguns amigos na zona do Dafundo. Um curto circuito nos cabos do veículo terá provocado um clarão, seguido de um som que parecia ser um disparo, e Afonso Costa, pensando tratar-se de um atentado, saltou pela janela do elétrico, em movimento. Em resultado disso fraturou o crânio e ficou em risco de vida, enquanto por Lisboa se contava a adivinha “Qual é coisa, qual é ela, que entra pela porta e sai pela janela?” A carta que Pessoa enviou ao diretor do jornal *A Capital* (a que faço referência no cap. XXX), da qual só foi publicada uma frase, era sobretudo uma resposta ao artigo crítico que o jornal publicara sobre a revista *Orpheu*. Só a última

frase da carta de Pessoa se referia a Afonso Costa, mas foi essa mesmo a ser publicada no jornal. Fernando Pessoa escreveu mais tarde outra carta, assinada também por Álvaro de Campos e igualmente crítica em relação às políticas de Afonso Costa, mas esta o jornal nunca viria a publicar.

Consta que, na sequência desse artigo, Fernando Pessoa terá sido ameaçado de morte, inclusive por uma organização semiclandestina chamada Formiga Branca, ligada a Afonso Costa e ao Partido Democrático. Corre também a versão de que terão mesmo tentado bater no poeta, e que a intervenção de Almada Negreiros foi essencial para que nada lhe tivesse acontecido.

Carolina Beatriz Ângelo

A lei eleitoral de 14 de Março de 1911 concedia o voto a todos os cidadãos portugueses maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever e fossem chefes de família. Algumas mulheres aproveitaram a ambiguidade da lei para se tentarem recensear, mas o pedido foi-lhes negado. Todas as mulheres desistiram das suas pretensões, exceto a médica Carolina Beatriz Ângelo (1878 – 1911), viúva e mãe de duas filhas (portanto, chefe de família), que recorreu aos tribunais. O pai de Ana Castro Osório, juiz, concedeu o direito de voto a Carolina Ângelo, que se tornou na primeira mulher eleitora em Portugal. Na Europa, o sufrágio feminino só vigorava na Finlândia e na Noruega. O caso foi muito badalado e gerou intenso debate na altura. Políticos como Bernardino Machado ou Teófilo Braga queriam conceder o voto às mulheres economicamente independentes, mas outros, liderados por Afonso Costa, recebavam a excessiva influência da Igreja sobre o eleitorado feminino. A nova lei eleitoral de 1913 acabaria por excluir as mulheres, sem qualquer ambiguidade, do direito ao voto.

Sobre o sufrágio feminino, escreveu Pessoa, na noite de 2 para 3 de fevereiro de 1917: “Parece, pois, que é melhor dar o voto às mulheres, não porque elas tenham um direito natural a isso, mas porque têm um direito anormal; não por ser moral, mas porque, sendo imoral, é inevitável; não por ser bom para a humanidade e para o avanço da civilização, mas porque o contrário ainda seria menos nessa direção.” (Texto disponível em *Embodying Pessoa – Corporeality, Gender, Sexuality*, de Anna Klobucka e Mark Sabine)

Eduardo Maldonado Pellen

Eduardo Maldonado Pellen, assim como Mário Machado, eram realmente referências do xadrez em Portugal, e sabe-se pelo diário de Crowley que o mago jogou mesmo algumas partidas com Eduardo Pellen, em Sintra, nos dias 21 e 22 de setembro de 1930.

Einstein

Albert Einstein (1879 – 1955) terá passado em maio de 1925 por Lisboa, a caminho do Brasil. Fê-lo de forma anónima – ou ignorado pela comunidade científica portuguesa da altura? –, não havendo registo de qualquer encontro ou reunião. O cruzamento acidental com Fernando Pessoa, descrito no capítulo XXXVII, é pura ficção. Da viagem de Einstein conhece-se apenas o que o próprio terá escrito no seu diário sobre a capital de Portugal:

“Dá uma impressão maltrapilha mas simpática. A vida parece correr confortável, bonacheirona, sem pressa ou mesmo objetivo ou consciência.” No regresso, em maio, Einstein terá passado novamente por Lisboa, incógnito.

Foi a Mileva, cientista sérvia casada com Einstein desde 1903, que o cientista terá apresentado um conjunto de condições para salvar o casamento: que a esposa tratasse das suas roupas e das suas três refeições diárias, entregues no quarto; que mantivesse quarto e sala de estudo limpos e não usasse a mesa de trabalho do marido. Deveria também a esposa evitar sentar-se ao seu lado, sair e viajar consigo. Também não deveria esperar dele qualquer tipo de intimidade, nem devia censurar o marido por isso. Quando ele pedisse, ela deveria calar-se e sair do seu quarto de estudo sem protestar. Também deveria abster-se de criticar o marido à frente dos filhos. Mileva terá aceitado as condições por algum tempo, mas meses depois acabaria por se mudar para Zurique com os filhos. O divórcio efetivou-se em 1919.

Egas Moniz

Fernando Pessoa terá realmente sido visto e avaliado por Egas Moniz (1874 – 1955), por sugestão de Henrique Rosa (mas, muito provavelmente, não em casa dele), e o médico ter-lhe-á recomendado a ginástica sueca do Dr. Luís Furtado Coelho, treinador pessoal do infante D. Manuel, conforme descrevo no cap. XXV. Não é possível saber se Egas Moniz terá conversado com Fernando Pessoa sobre a sua vida sexual (ou a ausência dela), mas é um facto que, em 1901, Egas Moniz defendeu a tese de doutoramento “A Vida Sexual (Fisiologia e Patologia)”, que viria a ser publicada em 1913, alcançando a 5ª edição em 1923 e a 19ª em 1933. Durante o governo de Salazar, a leitura deste livro polémico implicava prescrição médica.

Egas Moniz foi proposto cinco vezes para o Nobel da Fisiologia e Medicina (1928, 1933, 1937, 1944 e 1949). Em 1944, Egas Moniz sofria de forte depressão, motivada possivelmente pela existência de quóruns que questionavam a sua capacidade para lecionar, devido à dimensão desproporcional das suas orelhas. Reformou-se nesse ano, mas continuou a investigar, conquistando em 1949 o tão almejado Prémio Nobel, com a descoberta do valor terapêutico da leucotomia em certas psicoses. Em 1950 abriu o Centro de Estudos Egas Moniz, que presidiu até à sua morte, em 1955.

Os exercícios do Dr. Furtado Coelho, registados no seu trabalho Manual Teórico e Prático de Ginástica Respiratória, foram depois amplamente divulgados por Weiss de Oliveira, muitas vezes apontado como autor do método. Estes exercícios tinham inspiração na ginástica sueca de Ling. Mais tarde, escreveu Fernando Pessoa a este propósito: “Quando, em 1907, o Prof. Egas Moniz me passou, para fins ginásticos, para as mãos de Luís Furtado Coelho, para ser cadáver só me faltava morrer. Em menos de três meses e a três lições por semana, pôs-me Furtado Coelho em tal estado de transformação que, diga-se com modéstia, ainda hoje existo – com que vantagens para a civilização europeia, não me compete a mim dizer.” (<http://arquivopessoa.net/textos/2394>)

Madame Blanche

O bordel da Madame Blanche, descrito no cap. XXI, terá mesmo existido no local indicado no capítulo, e cumprindo os rituais descritos. Mário Cesariny faria até referência a Madame Blanche no seu poema “Pastelaria”: “Não é verdade rapaz? E amanhã há bola / antes de haver cinema madame blanche e parola”. Não há, no entanto, qualquer indicação de que Fernando Pessoa tenha visitado este bordel com Henrique Rosa.

Pedro Teotónio Pereira

Pedro Teotónio Pereira (1902 – 1972), enquanto diretor da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, instigou uma verdadeira cruzada contra aquilo que chamaram de “literatura de Sodoma”, visando sobretudo as obras de António Botto, Raul Leal e Judith Teixeira. A Liga manifestou-se também contra o “Baile da Graça” – evento privado que aconteceu em Lisboa, e onde homens se apresentaram vestidos de mulheres. Recorriam, para as suas críticas, ao diário católico e monárquico A Época, e a panfletos distribuídos na rua, como o famoso “Dos estudantes das Escolas Superiores de Lisboa – Aos poderes constituídos e a todos os homens honrados de Portugal”, referido no cap. XXXVI. Durante o Estado Novo, em 1936, Pedro Teotónio Pereira tornou-se Ministro do Comércio e da Indústria. Muitas vezes apontado como sucessor de Salazar, foi embaixador de Portugal em Espanha, exercendo também funções no Brasil e nos EUA.

Pinheiro Maluco

Pinheiro Maluco, que referi no cap. XXVIII, era realmente uma figura emblemática que marcava o dia a dia das ruas de Lisboa. Mas havia outras: o bêbado Chico Aú, o Homem Macaco ou o Tlim das Flores, descritos no livro Fernando Pessoa - Uma quase autobiografia, de José Paulo Cavalcanti Filho.

Severa

A fadista Severa morreu em 1846, com 26 anos, num bordel da Rua do Capelão, na Mouraria. Júlio Dantas imortalizou a sua história na peça de teatro “A Severa”, que em janeiro 1901 foi apresentada no Teatro D. Amélia (atualmente Teatro D. Luiz). Dois anos mais tarde a história seria publicada em romance, também assinado por Júlio Dantas, que acabou por se tornar num bestseller para a altura. O romance foi ainda adaptado a uma opereta e, em 1931, ao cinema, sob a direção de José Leitão de Barros.

OS ESPAÇOS

... DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA

Largo de S. Carlos, nº4, 4º Esquerdo, Lisboa

Aqui nasceu Fernando Pessoa, a 13 de junho de 1888, em frente ao Teatro São Carlos, espaço de referência para o pequeno Fernando Pessoa, não só por viver muito perto, como também pela ligação que o seu pai tinha a este lugar emblemático, enquanto crítico musical. Projetado pelo arquiteto José da Costa e Silva, foi inaugurado a 30 de junho de 1793.

Consta que Fernando Pessoa terá mesmo aprendido a ler aos três anos, da forma descrita no capítulo II, mas a visita de Ann e da filha Branca à casa da família Pessoa é ficção. Tomás Ribeiro era efetivamente amigo da família, pelo que se supõe que a sua esposa o era também, embora não tenha encontrado registos nesse sentido.

Também não há evidências de que Fernando Pessoa se tenha interessado, com tão tenra idade, pela civilização egípcia, conforme é descrito no capítulo II. Apenas é sabido que, mais tarde, divertir-se-á a imitar a pose de uma Íbis, e fará poemas sobre a ave sagrada do Antigo Egípcio.

Fernando Pessoa habitou esta casa até aos 5 anos de idade, idade em que perdeu o pai e o irmão Jorge. A mãe, impossibilitada de continuar a suportar os custos do apartamento, vê-se obrigada a leiloar alguma mobília e a mudar-se com o filho e com a sogra para uma casa mais em conta, na Rua de São Marçal, 104, 3º andar. No cap. V Fernando Pessoa fala do sino da Igreja da Misericórdia. Este sino será referido num poema de Fernando Pessoa que foi publicado pela primeira vez na revista Renascença em Fev. de 1924 (<http://arquivopessoa.net/textos/206>).

Ridge Road, Durban

A primeira casa da família Rosa em Durban situava-se em Ridge Road. Era uma casa de estilo colonial que,

segundo o investigador H.D.Jennings, estaria rodeada de sebes de caniço, mangueiras, palmeiras e palhotas. Mais tarde a família mudar-se-ia para outra casa do bairro comercial.

“Um Soir a Lima”, de Félix Godefroid (1818-1897), mencionado no cap. V, era uma peça que a mãe de Fernando Pessoa gostava de tocar ao piano. O poeta evoca-a no seu poema “O véu das lágrimas não cega” (<http://arquivopessoa.net/textos/89>). A peça pode ser escutada em <https://www.youtube.com/watch?v=7IKeNPNTTqg>.

O episódio do Halloween, descrito no cap. XVIII, terá mesmo acontecido, segundo relatos posteriores de Teca, embora alguns pormenores tenham sido ficcionados.

Durban High School, Durban

Fundado em 1866, é o mais antigo liceu de Durban, considerado ainda hoje uma referência. O episódio onde se descreve o pénis de Fernando Pessoa (cap. XII) – motivo de gozo por parte dos colegas – é ficcionado, mas tem por base as declarações de Cavalcanti Filho, biógrafo de Pessoa, ao jornal O Globo: “Ele (Fernando Pessoa) tinha um amigo, António Botto, que era homossexual assumido, apesar de casado. Ele contava ter ficado assustado com o tamanho do pénis de Pessoa, que seria muito pequeno.”

Para além dos prémios descritos ao longo do cap. XIII, e que foram reais, pode ainda acrescentar-se o que Fernando Pessoa recebeu logo no primeiro term, por ter tido as melhores notas a todas as disciplinas: recebeu o livro *The Story of Rome from the Earliest Times to the End of the Republic* (Arthur Gilman). Repetiu a proeza no segundo term, recebendo nessa altura *Stories from the Fairie Queene* (Mary Macleod).

Ilha Terceira, Açores

O comandante João Miguel Rosa teve realmente direito a um ano sabático, que viria a ser aproveitado para uma viagem em família a Portugal. O paquete König partiu a 1 de agosto e chegou a Lisboa a 13 de setembro de 1901. Passou por Lourenço Marques, Zanzibar e Dar-es-Salam, atravessou o canal Suez e aportou em Port Said e Nápoles. O corpo de Madalena Henriqueta viajou também nesse barco, para ser sepultado em Portugal.

À espera, no cais, terá estado a família mais próxima. Maria tinha em Lisboa quatro tias: tia Maria Cunha, tia Rita, tia Adelaide e tia Carolina. A avó de Fernando Pessoa, Dionísia, estava por esta altura internada em Rilhafoles – o mais antigo Hospital Psiquiátrico do país, fundado em 1848 – mas acabaria por ter alta para estar com a família.

A viagem aos Açores, em 1902 (cap. XVI), foi real, e tudo leva a crer que tenha sido um período muito rico para Fernando Pessoa, pelo convívio com o primo Mário e por todas as ideias que lhe surgiram naquela altura – nomeadamente a criação do jornal *A Palavra*, que mais tarde passaria a *O Palrador*. A viagem durou menos tempo do que o previsto, devido ao surto de meningite detetado na ilha.

Quinta da Cruz Quebrada

Após a visita a Portugal, com a família, Fernando Pessoa ficou realmente mais um mês na Quinta da Cruz Quebrada, numa casa repleta de mulheres: as tias-avós maternas e a avó paterna que, apesar dos problemas mentais, demonstrava um grande carinho pelo seu único neto.

Commercial School, Durban

Maria e João Miguel Rosa terão aconselhado Fernando Pessoa a prosseguir os estudos na Commercial School, em Durban, mas nada indica que a tia Maria Cunha tenha influenciado essa decisão, conforme é descrito no capítulo XV. É uma mera suposição.

Faculdade de Letras, Lisboa

Não se sabe ao certo o que terá motivado a escolha de Lisboa/Portugal para Fernando Pessoa prosseguir os seus estudos, nem se terá sido Maria a decidi-lo. Apenas se sabe que Inglaterra chegou a ser ponderado, como opção, embora também exista a versão de que Fernando Pessoa não poderia concorrer a Inglaterra por ter perdido um ano letivo, durante a visita a Portugal. Sabe-se também que o colega Clifford Geerds conseguiu melhor nota do que ele no Matriculation Examination, o que lhe garantiu entrada direta na Universidade do Cabo da Boa Esperança, mas que Fernando Pessoa teve melhor nota no ensaio de estilo inglês. Este ensaio nunca foi encontrado, mas sabe-se que versaria sobre um destes três tópicos: a) minha conceção do homem e da mulher instruídos; b) superstições comuns; c) jardinagem na África do Sul. Parti do princípio, no cap. XIX, de que Fernando optara pelo primeiro tema, uma vez que escreveu, por esta altura, diversos textos sobre o homem e a mulher. Mas também é possível que tenha escrito sobre o segundo tópico. Sobre o terceiro, é muito pouco provável...

Fernando Pessoa terá realmente lido os livros que surgem no capítulo XIX. Em 2010, uma equipa coordenada pelos investigadores pessoanos Jeronimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello digitalizou a biblioteca particular de Fernando Pessoa, que se encontra agora online. Desta forma, é possível não só perceber que livros Fernando Pessoa leu, como também que livros, capítulos, frases mais o impressionaram. Enquanto leitor, Fernando Pessoa tomava muitas notas, pelo que os seus livros permitem desvendar muito do pensamento do escritor em cada fase da sua vida.

A greve académica de 1907, referida no cap. XXV, começou por ser um apelo dos estudantes à renovação pedagógica e cultural contra o conservadorismo ideológico da época. Mas a instabilidade causada teve repercussões políticas: em abril desse ano eram encerradas as Cortes e instaurada a ditadura de João Franco. A 1 de fevereiro de 1908 acontecia o Regicídio. Segundo consta, Fernando Pessoa terá acompanhado todos estes acontecimentos, mas não terão sido eles a ditar o seu abandono da faculdade. É mais provável que tenham servido como pretexto, dado que o curso não respondia às suas necessidades e prioridades.

Rua Coelho da Rocha, 16, 1º Direito, Lisboa

Consta que, ao regressar da África do Sul, em 1920, a família de Fernando Pessoa ficou primeiro instalada na Calçada da Estrela, até que, em final de março, Fernando descobriu o andar na Rua Coelho da Rocha, que descreveu, em carta a Ofélia, como “magnífico”. Fernando Pessoa manteve-se ligado a esta casa até ao final da sua vida. Nela nasceria a sua sobrinha Mimi. No 1º andar esquerdo viviam as vizinhas Virgíncias, mãe e filha, de quem era sobrinho Jorge de Sena, que mais tarde viria a trabalhar o espólio deixado pelo poeta. Hoje, todo o edifício de três andares foi transformado na Casa Fernando Pessoa.

Hospital de São Luís dos Franceses, Lisboa

Aquando do internamento no Hospital de São Luís dos Franceses, naqueles que viriam a ser os últimos dias da sua vida, Fernando Pessoa recebeu realmente a visita do cunhado – uma vez que a irmã estava em casa a recuperar de uma perna partida. Corre também a história que, antes de morrer, o poeta terá escrito num papel a frase “I know not what tomorrow will bring” (papel este que se encontra atualmente na Casa Fernando Pessoa). Na biografia que João Gaspar Simões escreveu alguns anos mais tarde, esta história é refutada. Na opinião deste biógrafo, as últimas palavras de Fernando Pessoa terão sido apenas “Dá-me os óculos”. Acabei por misturar estas duas versões no final. Tudo o mais que é relatado nos momentos vividos no hospital é do domínio da ficção.

... OS CAFÉS

A Brasileira,

A Brasileira, no Chiado, foi um café bastante frequentado por Fernando Pessoa a partir de 1908. Fundado em 1905, ao lado da Casa Havaneza, esta casa emblemática começou por ser um estabelecimento de venda de café moído de qualidade, proveniente do Brasil. Só em 1908 passou a café com mesas e cadeiras, tornando-se pouco a pouco local de paragem obrigatória para escritores como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoaes, António Ferro, Augusto Ferreira Gomes, entre outros. Foi neste café emblemático que, entre 1913 e 1916, se reuniu com frequência o grupo que criou a revista Orpheu. Neste café terá também esperado Cecília Meireles pelo poeta português, com quem havia combinado um encontro no dia 10 de dezembro de 1934, aquando de uma vinda sua a Portugal (cap. XLIII).

Em 1925, o espaço e a fachada sofreram uma remodelação pela mão do arquiteto Norte Júnior, e o interior foi decorado com telas de pintores modernistas, que geraram muita controvérsia na altura (substituídas, em 1971, por outras). No exterior, acabaria por ser colocada, nos anos 80, uma estátua de Fernando Pessoa, de Lagoa Henriques, que marca, de forma perene, a ligação do poeta a este café.

Em 1911, Adriano Telles, o proprietário, abriu um outro café A Brasileira no Rossio, com uma fachada portentosa de ferro e vidro. Rapidamente se tornou num local de tertúlias, frequentado também por Fernando Pessoa. O café fechou em 1960. Reabriu em 1966, mas sem êxito, acabando por encerrar portas algum tempo depois.

Abel

Fernando Pessoa tinha por hábito fazer algumas pausas durante o dia para ir beber um copo ao Abel. Assim se referia o poeta a um dos estabelecimentos de Abel Pereira da Fonseca, fundador da Companhia Agrícola do Sanguinhal, que geria um importante negócio de vinhos e outras bebidas alcoólicas. Numa dessas ocasiões, Fernando Pessoa

foi fotografado a beber – ou seja, foi “Apanhado em Flagrante Delitro”, como ele viria a escrever no exemplar que ofertou a Ofélia Queiroz em 1929, através do seu sobrinho Carlos. Dessa forma se reataria o namoro entre ambos, que durou apenas alguns meses, conforme descrito no cap. XXXVIII. Essa fotografia foi mais tarde recriada em azulejos, que podem ser vistos no restaurante (na altura apenas bar) A Licorista, onde Fernando parava amiúde para beber um copo.

Irmãos Unidos

Irmãos Unidos, criado em 1872 por dois amigos, era um restaurante muito famoso no tempo de Fernando Pessoa, que fechou portas em 1970, passando o espaço a fazer parte da Camisaria Moderna. Foi para as paredes deste restaurante que Almada Negreiros pintou o famoso retrato de Fernando Pessoa, em 1956. Para além de restaurante e hotel, o prédio tinha também uma adega famosa, com entrada pela Praça da Figueira.

Jansen

Seguindo os passos da cervejaria Trindade, a Jansen abriu a sua primeira cervejaria em Lisboa no ano de 1870. Em 1914, o espaço de eleição para o grupo de escritores e artistas que viria a fundar a revista Orfeu tinha entrada pela Rua do Alecrim, nº 30, e pela Rua António Maria Cardoso, nº 5. Mais tarde, em 1933, a esplanada desta cervejaria serviria de cenário a algumas cenas de “A Canção de Lisboa”. Em 1936, o espaço deu lugar ao Retiro da Severa, que aí ficou por três anos.

Martinho da Arcada

O Martinho da Arcada, na Praça do Comércio, foi fundado em 1782 como Casa da Neve. Passou depois por várias gerências, que lhe foram alterando o nome. Em 1829 ganhou o nome de Café Martinho, e 16 anos depois, a fim de o distinguir de outro café com o mesmo nome no Largo de Camões, o proprietário baptizou-o finalmente de Martinho da Arcada, pelo qual ainda é hoje conhecido. O espaço mantém ainda a configuração que tinha nesse tempo, embora hoje seja sobretudo um restaurante. A mesa onde habitualmente Fernando Pessoa se sentava não é utilizada, mantendo-se em cima dela uma chávena de café e um copo, em memória do poeta.

AS REVISTAS

Águia

A revista Águia era uma revista cultural bimensal, que passaria depois a mensal, publicada no Porto entre os anos de 1910 e 1932. Nela colaboraram grandes nomes da literatura portuguesa como Teixeira de Pascoes (que a dirigiu durante um longo período), Raul Proença, António Correia de Oliveira ou António Sérgio (que entrou em diferendo com

Teixeira de Pascoaes e acabaria por fundar, com outros autores, a revista *A Seara Nova*), para além de Fernando Pessoa, que se estreou em 1912 com o artigo “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”. Em maio é publicado o seu “Reincidindo” e, em novembro, “A Nova Poesia no seu Aspeto Psicológico”.

Contemporânea

A revista *Contemporânea* nasceu em 1915, com um único número isolado, e voltou em 1922, como revista do Modernismo, tendo sido publicados um total de treze números até 1926. Dirigida por José Pacheco, contou com colaboradores como Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros, António Ferro, António Botto, Raul Leal, Aquilino Ribeiro, Amadeo de Souza-Cardoso, entre muito outros... para além de Fernando Pessoa, que assinaria vários artigos e poemas. A doença de José Pacheco ditaria o fim da revista, que abordou por diversas vezes temáticas ligadas à mulher, contrariando as ideias misóginas da altura.

Orpheu

Orpheu esteve realmente para se chamar Europa. Há algum tempo que Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro idealizavam uma revista em conjunto, e havia sido esse o nome escolhido. Mas Luís de Montalvor chegara do Brasil com novas ideias e o seu próprio projeto de revista. Terá sido ele a sugerir o nome Orpheu, embora se desconheça exatamente o porquê, ou como terão reagido os amigos à proposta. Mesmo rejeitado o nome Europa, em detrimento de Orpheu, os colaboradores da revista autodenominavam-se “portugueses que escrevem para a Europa”. O desejo de internacionalização, tão vivo em Fernando Pessoa, continuou bem presente na Orpheu.

No primeiro número de Orpheu, Fernando Pessoa publicou “Drama Estático” e “O Marinheiro”. De Álvaro de Campos, “Opiário” e “Ode Triunfal”.

Após a publicação do primeiro número de Orpheu, o jornal *A Capital* dedicou um artigo à revista chamado “Literatura de Manicómio”, citando os psiquiatras Júlio de Matas e Júlio Dantas (este também escritor), que diagnosticaram os poetas de Orpheu como paranoicos. Outros jornais como *A Vanguarda* e *O Povo* seguiram-lhe o exemplo, mas o escândalo só aumentou a curiosidade sobre a revista, que esgotou rapidamente. O artigo de Júlio Dantas sobre o caso – “Poetas-Paranoicos” – levaria Almada Negreiros a escrever, no ano seguinte, o célebre “Manifesto Anti-Dantas”.

Para o segundo número de Orpheu, Fernando Pessoa convidaria Ângelo de Lima a participar na revista. Loucos por loucos, sempre teriam a seu lado um poeta internado no hospital psiquiátrico de Rilhafoles...

Fernando Pessoa começara, em junho de 1927, a colaborar com a revista *Presença*, fundada em Coimbra três meses antes. Estreou-se com “Ambiente”, assinado por Álvaro de Campos, e em julho publicou três odes de Ricardo Reis. A colaboração durou até à sua morte e, mesmo depois dela, os seus textos continuaram a ser presença constante na revista até à sua extinção, em 1940. O número 48, publicado em julho de 1936, foi mesmo

inteiramente dedicado à obra de Fernando Pessoa.

Revista de Comércio e Contabilidade

O primeiro número da Revista de Comércio e Contabilidade, editada por Fernando Pessoa e pelo cunhado Francisco Caetano Dias (que a dirigia), saiu em janeiro de 1926. Os dois assinavam a maioria dos artigos. Ao todo, a revista teve seis números, todos nesse ano.

CONCEITOS MÍSTICO-FILOSÓFICOS

Catarismo

Catarismo provém da palavra grega Katharos, que significa “puro”. Os aderentes a este movimento religioso – cátaros ou albigenses – procuravam atingir um estado de pureza absoluto. Para isso renunciavam a todas as tentações do mundo físico, inclusive às do corpo, considerado uma prisão da alma. O movimento teve bastante incidência na Europa do Sul e Europa Ocidental durante os séculos XII e XIII, razão pela qual foi combatido pela Igreja Católica de Roma, que o considerou uma heresia.

Desdobramento

A descrição que é feita neste capítulo sobre o fenómeno de “desdobramento” de Fernando Pessoa é baseada na carta que o poeta escreveu a Mário Beirão, a 1 de fevereiro de 1913: “(...) Destaco de coisas psíquicas de que tenho sido o lugar, o seguinte fenómeno que julgo curioso. V. sabe, creio, que de várias fobias que tive guardo unicamente a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas. O outro dia o céu ameaçava chuva e eu ia a caminho de casa e por ser tarde não havia carros. Afinal não houve trovoadas, mas esteve iminente e começou a chover — aqueles pingos graves, quentes e espaçados —, ia eu ainda a meio do caminho entre a Baixa e minha casa. Atirei-me para casa com o andar mais próximo do correr que pude achar, com a tortura mental que V. calcula, perturbadíssimo, confrangido eu todo. E neste estado de espírito encontro-me a compor um soneto — acabei-o uns passos antes de chegar ao portão de minha casa —, a compor um soneto de uma tristeza suave, calma, que parece escrito por um crepúsculo de céu limpo. E o soneto é não só calmo, mas também mais ligado e conexo que algumas coisas que tenho escrito. O fenómeno curioso do desdobramento é coisa que habitualmente tenho, mas nunca o tinha sentido neste grau de intensidade. (...)” (em Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação)

Na famosa carta de 13/1/1935, escrita a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa descreve desta forma o seu “dia triunfal”: “(...) acerquei-me de uma cómoda alta, e tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida e nunca poderei ter outro assim.”

A primeira poesia de Ricardo Reis surgiu em junho de 1914, três meses depois do dia a que Fernando chamou de triunfal (14 de março). Sobre Álvaro de Campos, Fernando Pessoa dirá a Adolfo Casais Monteiro que “de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a ‘Ode Triunfal’ de Álvaro de Campos”.

Mapas astrológicos

Fernando Pessoa terá encomendado pelo menos cinco estudos astrológicos a empresas estrangeiras: um deles para o período de 1909-1914 (recebeu 15 folhas), outro remetido de Londres por Newton Verity (44 folhas), outro que incidia apenas no período de dezembro de 1909 a dezembro de 1910 (“The Moon Tables of 1910”), respondendo às cinco questões formuladas por Fernando Pessoa; um encomendado a Mercury, “The Old Astrologer” (26 páginas) que considerou muito fraco, e um último a que não parece ter dado tanto importância.

Todas as leituras e estudos que Fernando Pessoa empreendeu para compreender e pôr em prática a Astrologia, acabaram por transformá-lo num verdadeiro especialista. No seu espólio têm sido descobertos centenas de textos de teoria astrológica. Um dos seus objetivos era mesmo o de escrever um “Tratado de Astrologia” em nome do seu heterónimo astrólogo: Raphael Baldaya.

Uma leitura aprofundada do seu mapa astral levou Fernando Pessoa a concluir, anos antes da sua morte, que o período entre 1933 e 1935 seria repleto de dificuldades. Segundo o astrólogo Paulo Cardoso, o poeta chegou mesmo a definir o período compreendido entre maio de 1935 e fevereiro de 1936 como “brutal, difícil, complicado, frágil. E acabou por morrer, rigorosamente, no meio.” (<https://selfie.iol.pt/selfie-astral/paulo-cardoso/sabia-que-e-possivel-calcular-a-data-da-morte-atraves-da-astrologia>) O livro Cartas Astrológicas de Fernando Pessoa, de Jerónimo Pizarro e Paulo Cardoso, foi decisivo para a minha opção de incluir a temática da astrologia neste romance.

Mediunidade

Fernando Pessoa redigiu entre 1916 e 1918 vários textos que considerou mediúnicos, escritos alegadamente sob um estado “simili-hipnótico”. Mais tarde, num texto a que chamou de “Um Caso de Mediunidade”, Fernando desvalorizou-os, considerando-os o produto de uma fase de maior desequilíbrio mental.

Ordem Rosacruz

A Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC) é uma organização internacional de natureza místico-filosófica, que visa promover a evolução e o bem-estar da humanidade através da busca de conhecimento físico e metafísico. Os rosacruzes dizem-se herdeiros de tradições antigas herméticas que remontam ao Antigo Egipto e à Ordem dos Templários. Descartes, Espinoza, Newton, Thomas Jefferson, Goethe ou Debussy, são alguns dos nomes

mais conhecidos que estiveram ligados a esta organização. Fernando Pessoa também é apontado como simpatizante das ideias do movimento. Tornou-se popular no século XVII, na Europa, e ainda hoje existem espaços rosacruceanos por todo o mundo (72 países) que promovem diversas atividades e palestras. Em Portugal, a Ordem foi proibida em 1966, voltando a ter expressão legal a partir do 25 de abril de 1974. Regressou a Portugal em 1979. Atualmente existem espaços em Lisboa, no Porto e em Sintra.

Teosofia

Teosofia é uma palavra grega do século III d.C, cunhada possivelmente pelo filósofo neoplatonista Amónio Saccas e o seu discípulo Plotino, ambos fundadores da Escola Filosófica Eclética, que buscava a verdade da natureza e do Homem. Tornou-se uma escola mística que procurava conhecer os mistérios da existência humana. A Sociedade Teosófica nasceu em Nova Iorque, em 1875, pelas mãos de Helena Blavatsky e do Cor. Henry Steel Olcott, seu primeiro presidente. Em 1878 abriram nova sede na Índia, que ainda hoje existe.

As traduções de livros teosóficos encomendadas a Fernando Pessoa entre 1915 e 1916 foram publicadas na Theosophica e Esoterica da Livraria Clássica Editora: C.W. Leadbeater, Compêndio de Teosofia; Annie Besant, Os Ideais da Teosofia; C.W. Leadbeater, Auxiliares invisíveis; C.W. Leadbeater, A Clarividência; A Voz do Silêncio e outros fragmentos extraídos dos preceitos áureos, ed. inglesa e notas de Helena Blavatsky; e Mabel Collins, Luz sobre o Caminho e o Karma.